

A DANSA DOS SENTIMENTOS

(Poema em 3 atos de Érico Cramer)

PERSONAGENS:

A MULHER.....ZAIRA ACAUAN  
O POETA.....PAULO RICARDO  
O AMOR.....SALIMEN JUNIOR  
O ODIO.....GERSON LUIZ  
A AMBIÇÃO.....LOURDES HELENA  
A INVEJA.....LINDA GAY  
O TEMPO.....ROBERTO LIZ  
A MOCIDADE.....MARIZA FERNANDA  
A SAUDADE.....NINA ROSA  
A EXPERIÊNCIA.....CLAUDIA MARTINS  
O LOCUTOR.....WILSON FROGOSO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE GRANDE EFEITO.

Locutor - Aos acordes de vários instrumentos,  
sob as luzes doiradas da ilusão,  
começam a dançar os sentimentos,  
no cenário de um grande coração!...

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA E FUNDE COM PASSAROS CANTANDO - CAI A B/G.

Mulher - Coisa estranha... não sei o que se passa  
no coração que guardo no meu peito...  
Ele vivia alegre... satisfeito...  
sem pensar em mais nada que viver...  
olhava o pôr do sol pela tardinha...  
corria às madrugadas que surgiam...  
contemplava as estrelas que luziam,  
pontilhando de luzes o infinito!...  
Escutava o cantar das aves mansas  
e na aragem sutil das esperanças,  
deixava-se levar, calmo e contrito.  
Aspirava o perfume que fugia  
do âmago das flôres entre-abertas...  
Na ~~ansiedade~~ inquietude das horas mais incertas  
buscava sempre o afago da esperança.  
Alegrava-se ao riso da criança...  
enlevava-se ao som de uma balada...  
não pensava na dor... não pensava em mais nada  
que não fôsse em cantar... que não fôsse em sorrir...  
No entanto agora - digo-o torturada -  
sem nenhuma razão justificada,  
vive o meu coração, hora após hora,  
numa angústia cruel e tão estranha  
que eu não sei e não posso definir!  
E pergunto a mim mesma, amargurada:



Onde a razão dessa agonia? Onde?...

Há uma pausa... um silêncio... expectativa...

e a pergunta, afinal, não se responde!...

Não haverá quem possa esclarecer

o que sinto de estranho no meu peito?

Esta ância... esta angústia... esta fremência?...

Experiência - (Voz de velha, afastada, aproximando-se)

Eu posso te dizer.

Mulher - Mas tú... quem és?...

Experiência - A voz da experiência!

Arrastando, de longe, uma existência

onde vivi as horas mais diversas,

sei definir, em todos os momentos,

as emoções que sente um coração.

Mulher - Dize-me, então, a causa da ansiedade

que vive no meu peito, sem motivo.

Experiência - É que em ti já desperta a mocidade

e o coração quer mais; tem um desejo.

Mulher - Que quer êle, afinal?

Experiência - O doce beijo

de alguém que lhe desperte um grande amor!

Mulher - Meu Deus, que horror!...

Experiência - É o céu na terra que êle busca ansioso!

Depois de um beijo terno e carinhoso,

tú has de te sentir lá nas alturas.

Mas olha bem aquilo que procuras,

que há beijos falsos, dados sem cuidado;

beijos só de volúpia e de maldade,

que em vez de construir felicidade,

destroem nossas vidas no pecado!...

Atende a mocidade que desperta.

Vai com ela, podendo estar bem certa

que enquanto a mocidade te acompanhe,

há de ser só de rosas o caminho!

Mulher - Coisa estranha... somente neste instante

percebi essa moça junto a mim!

Tem os olhos brilhantes e uma boca brejeira.

Onde estava? Quem é? O que pretende?

Experiência - É a mocidade, a tua companheira.

Mocidade - Sou eu, sim, e aqui estou para levar-te

a um caminho sem pedras e sem cardos,

onde tudo são flôres e alegrias!

É uma estrada onde ha sol todos os dias

e as noites são banhadas de luar!

Uma estrada sem curvas, sempre reta,



por onde, um dia, há de chegar um poeta  
que vem de longe para te encontrar.

Mulher - Tú me levas, então...

Mocidade - Ao encontro do amor!

Mulher - Não sei si deva...

Experiência - Por que não? Podes ir,  
mas guarda bem aquilo que eu te disse  
sôbre os beijos mentidos, sem motivos profundos.  
E guarda mais: não faças a tolice  
de obedecer em tudo a mocidade.  
Ela às vezes se engana e vê felicidade  
em fugazes quimeras que só vivem segundos!

Mocidade - Anda, vem. Não percamos mais tempo.

Ela fala de mim, mas já fez tudo isso  
que não quer que tú faças.

(afastando-se) Deixa a velha, coitada!

(Mulher e Mocidade afastam-se rindo)

Experiência - (Para longe) Já fiz, sim, é verdade.

mas quem foi a culpada? Somente a mocidade.

(Pausa - Tom de recordação - Amarga e dolorosa)

A mocidade, sim, a tudo me arrastou,  
mas ao ver os meus olhos embaçados,  
meus cabelos de neve assinalados,  
fugiu de mim... e nunca mais voltou!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL SUAVE E BONITA. FUNDE COM O BOLERO "AMOR-AMOR"  
QUE LOGO A SEGUIR PASSA A B/G. ATÉ NOVA RUBRICA.

Mocidade - Tú percebeste bem que há varios dias  
que andamos, sem parar, por esta estrada?

Mulher - Percebi; mas são tantas alegrias  
as que tenho vivido ao lado teu,  
que ainda nem sequer estou cansada.

Mocidade - Mesmo assim gostarás, tenho a certeza,  
de parar um momento e gozar a beleza  
da agonia do sol nesta tarde estival.  
Há vermelho no céu, vermelho côr de sangue  
e nuvens furta-côr em tons os mais diversos,  
e no canto das aves, no sussurro da brisa,  
na sombra de uma noite inda meio indecisa,  
parece ouvir-se Deus, poeta, a cantar versos  
no cenário sem par de extranho festival!...

Mulher - Sentemo-nos, então, ao menos um momento  
para sentir melhor esse deslumbramento  
que nos traz a nudez das grandes emoções!

Mocidade - E elevemos a Deus a nossa prece,  
no silêncio da tarde que fenece,



- pedindo amor aos nossos corações!...
- Mulher - (Sonhadora e enlevada)  
Amor!... Amor!... Como deve ser bom  
sentir-se, dentro d'alma,  
esse bem com que sempre se sonhou!...  
Amor!... Divino amor!...
- Amor - (atirado e logo se aproximando)  
Quer me chama? Aqui estou!
- Mulher - (susto) Uii!... Que susto me causaste!...
- Mocidade - Óra susto! Por que?! Fôste tú que o chamaste.
- Mulher - Sim, sim, fui eu... naturalmente...  
mas êle apareceu tão de repente...
- Amor - Como sempre apareço, onde sou invocado.  
Não tenho preferência por cenários  
e as horas, para mim, são sempre iguais.  
À luz do sol, ou à luz dos lampadários,  
eu estou sempre, sempre, a qualquer hora,  
nos palácios... castelos... nas choupanas...  
nas flôres dos vergeis... nas contas dos rosários...  
na tristeza dos leitos de hospitais!... (Pausa)  
(T) É sempre a mocidade que me chama,  
mas não raro a velhice também clama  
por migalhas de amor!
- Mulher - E aí? Que fazes tú?
- Amor - Nem sempre fico surdo ao seu clamor.
- Mocidade - (rindo) Que ridículo enorme o da velhice amando!...
- OPERADOR - SOBE A MUSICA EM FUNDO UM MOMENTO, BAIXA E CORTA.
- Amor - Bem, deixemos os velhos e tratemos de nós.  
Vou dar-te o sonho lindo que sonhaste,  
para inundar de luz a tua vida.  
Estás vendo êste arco?
- Mulher - Sim...
- Amor - Olha agora esta seta. Vou jogá-la no espaço. (Pausa)  
Assim. Agora... segue tú e procurá-la.  
Não terás que andar muito e haverás de encontrá-la  
enterrada no peito de um poeta.
- OPERADOR - RÈVE D'AMOUR DE LIZT, SEPARA A CENA E FICA EM B/G.
- Poeta - Tú chegaste, afinal!... Por que tardaste tanto?  
Não ouvias o som da minha lira,  
chamar-te, sempre, sempre, com seu canto?  
Não sabias, acaso, que eu vivia  
tão tristonho e em completa soledade?
- Mulher - Não sabia de nada, meu poeta.  
Vivia também só e sempre quieta,  
até que me encontrei com a mocidade



- que as delícias do amor me fez sonhar!...
- Poeta - Quando te divisei ao longe, nesta estrada,  
senti logo ferir-me o coração  
a estranha e profunda sensação  
que nos deve causar a punhalada.  
Mas sabes? Não sofri. Até fiquei radiante,  
porque senti, também, naquele instante,  
que se abriria em luz minh'alma triste!...
- Mulher - A estranha sensação que tú sentiste,  
foi a esta que o amor te desfechou.
- Poeta - Sigamos, pois, agora, braços dados,  
na alegria infantil dos namorados  
que riem sem razão pela estrada da vida.  
Caminhemos os dois. Caminhemos, querida!,  
de olhos fitos no céu! Uma estrela brilhante  
- da corôa de estrelas que te oferto,  
o mais caro e mais belo diamante -  
há de apontar-nos, sempre, o caminho mais certo  
na conquista da paz - o desejado bem!  
Sigamos sua luz! Seremos conduzidos  
através desses tantos caminhos perdidos,  
como o foram os Magos, através do deserto,  
guiados pela luz da estrela de Belém!
- Mulher - Meu poeta! Eras tú! Somente tú  
o bem que também eu ambicionava!...  
Agora... aqui me tens. Sou tua escrava!...
- Amôr - (aproximando-se) Muito bem! Muito bem!  
Sigam os três, agora.
- Mulher - Os três?! Tú dizes três?!
- Amor - Claro que sim. Pelo menos por óra,  
andarás a mocidade com vocês.  
Podem partir.
- Experiência- Espera. Quero falar a ti, inda uma vez.
- Mulher - (contrariada) Que queres tú?
- Experiência- Não te zangues, por Deus! É uma tolice,  
mas desejo lembrar-te o que já disse  
sôbre os beijos mentidos que às vezes recebemos.
- Mocidade -- Deixa falar a velha despeitada.  
Tem inveja, a coitada,  
de não poder fazer o que fazemos.
- Poeta - Anda, vem. Põe teus olhos nos meus olhos  
e põe, na minha, a tua linda mão,  
tão branca... tão mimosa... tão pequena!...  
Mão que parece flôr. Uma açucena  
de cinco pétalas brancas e macias!...



Não que teve, ao nascer, o designio profundo  
de transformar em luz minhas horas sombrias!...

Mulher - Vamos, querido, sim. Vamos em busca  
da maior e melhor felicidade!  
Um homem que é poeta...

Poeta - Uma mulher que é linda...

Mocidade: - O amor que lhes dará ventura indinda...

Amor - E a alegria que traz a mocidade!...

(Afastam-se os quatro rindo)

OPERADOR - AUMENTA A MÚSICA EM FUNDO, COBRINDO OS RISOS E FAZENDO COR-  
TINA MUSICAL. FUNDE COM MÚSICA TRÁGICA. FICA EM FUNDO.

Inveja - (roendo-se, má) Lá vão eles... Alegres e ruidosos,  
pela estrada do sonho, descuidosos,  
crentes que a vida é sempre, sempre assim.  
Talvez fôsse, si um dia a humanidade  
chegasse ao grau de superioridade  
de expulsar-me do peito e esquecer-se de mim!...

OPERADOR - UM ACORDE SOTURNO E BREVE.

ÓDIO - (aproximando-se) Olá!... Quem vejo aqui?!...  
A velha amiga inveja,  
escondida na sombra e falando sózinha?!

A quem queres matar? A quem buscas ferir?

Inveja - (Dura) Ao mesmo par que o teu olhar devora.

Ódio - Ao mesmo par?! Esplêndida essa agora!... (gargalhada)

Inveja - O mesmo, sim. Por que te pões a rir?

Ódio - Porque em geral sempre nos defrontamos.

Inveja - E é quasi igual o mal que desejamos  
aos que servem de alvo à nossa ira.  
A inveja e o ódio muito se assemelham,  
quando buscam ferir um coração.

Ódio - Não digas tal! Que tôla pretensão!...

Muito mais do que a ti, ao amor me pareço.

Inveja - Pretensão é a que tens, querendo parecer-te  
com quem dá tudo ao coração. Tú tiras.

Ele gera carinho... tú semeias maldade.

Ele diz a verdade... tú inventas mentiras.

Quer queiras ou quer não, a mim tú te pareces

e o mal, tal como eu, tú levás, sempre, em menses,  
a todo o abandonado e frágil coração!...

Ódio - Sabes que mais, irmã? Esta inútil e tôla discussão  
nos fez perder de vista os amozos.

Inveja - Não te cause este fato apreensão.

Hás de ver quantos cardos, no caminho,  
irão ferir-lhes fortemente os pés.

Tantos são eles, tanto irão magoá-los,



que, sem correr, havemos de encontrá-los em menos da metade da jornada.

Um... dois... três anos não são nada, quando se tem certeza de vencer!

Não ha pressa, portanto.

Ódio - Mesmo assim, vamos logo às nossas prêsas que as chamas do meu ódio estão acêsas!  
(Afasta-se a gargalhar téticamente)

OPERADOR - VAI SUBINDO A MÚSICA EM PUNDO À MEDIDA QUE AS GARGALHADAS SE AFASTAM. SEPARA A CENA E FUNDE COM MUSICA SUAVE E TRISTONHA - BG.

Experiência - (TOM GRAVE) Lá se foram os filhos da maldade destruir a cortina da ilusão que escondia a cruel realidade a um jovem e inocente coração!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL GRANDIOSA PARA FINAL DO 1º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CORTINA GRANDIOSA PARA INICIO DO SEGUNDO ATO.

LOCUTOR - Há na vida que todos nós vivemos, altos e baixos... sombras e esplendores! Há no curso de todos os amores um instante feliz... outro de mágoa! Se vivemos a rir grandes momentos, outros há em que os olhos rasos d'agua, se apavoram da estrada áspera e nua. Mas a vida não para e continúa ao saraivar da música dos ventos. Prosseguem a dançar os sentimentos a farândula igual de todo o dia: uma lua que vem... uma estrela que corre... uma ilusão que nasce... outra ilusão que morre... um ato que se finda... e outro que inicia!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM CANTOS DE PÁSSAROS QUE FICA EM BG.

Mulher - Que se passa contigo? Tú pareces tristonho. Tens, ao lado do teu, um coração risonho e nem sequer sorris. Teus olhos têm fulgores diferentes... Há qualquer coisa estranha que tú sentes.

Poeta - Penso em ti, só em ti, minha querida. Parece que, depois que tú vieste, tudo se transformou!...

Mulher - E te sentes feliz?

Poeta - Feliz, imensamente!...

Mulher - Graças a Deus, então!

Poeta - Graças a ti, somente!



- Mocidade - Que ingrato me saíste! Então somente a ela  
deves toda a ventura que alcançaste?
- Amor - Nem sequer um instante te lembraste  
do calor que lhe dou?
- Mocidade - Deixa-os, não faz mal.  
Quando o tempo passar e nos levar embora,  
eles hão de lembrar os que esquecem agora  
e suplicar, com mágoa, a nossa volta,  
pela voz de lamúria da saudade!
- Amor - Mas aí será tarde, porque então o tempo  
já terá levado o amor e a mocidade.
- Poeta - Tú crês que o amor um dia te abandone?  
A mim eu sei que não.
- Mulher - Inda que vá com o tempo a mocidade,  
o amor, êsse eu sei que sempre há de  
ficar morando no meu coração!
- Experiência - Pode ser, mas pra tanto é necessário  
fechar o coração ao corolário  
da voz morna e envolvente da ambição.
- Mulher - Outra vez tú aqui?  
Novamente essa voz de coruja agoureira  
buscando desfazer minha alegria inteira  
e destruir, talvez, minha melhor quimera?
- Experiência - Só desejo lembrar-te, enquanto é primavera,  
que o inverno um dia vem e deves preparar-te  
para enfrentar o horror de intensos vendavais.  
Esta foi e ha de ser sempre a lei dêste mundo:  
um golpe que se espera não nos fere tão fundo  
como qualquer revés que chegue de surpresa.
- Mocidade - Óra sai! Deixa disso! É tólo o teu falar.
- Amor - Vamos gozar a vida! O momento que passa,  
sem pensar no amanhã, sem pensar na desgraça  
que possa enevoar o céu de nossa vida!  
Se, como diz a velha, a verdade mais pura  
é que o tempo me arrasta e leva a mocidade,  
enquanto êle não passa e juntos inda estamos,  
vamos logo viver a vida que sonhamos!...
- Poeta - Vamos andar os dois sempre de braços dados,  
como um casal feliz de alegres namorados,  
a trilhar um caminho de roseiras em flôr.  
E si um dia, afinal, se apagar nossa glória  
e em nossos corações vier morar a dôr,  
guardarão nossas almas a lembrança querida  
de havermos rabiscado, nas páginas da vida,  
uma história de amor!...
- OPERADOR - HARPEJO BONITO E PROLONGADO.



Locutor - E depois de algum tempo decorrido em que os dois só de amor iam vivendo, vendo florir risonhas ilusões, duas sombras, por fim, apareceram e no mesmo momento escureceram o cenário daqueles corações!...

OPERADOR - RÁPIDO HARPEJO

Ódio - Anda, vai tú. Corre a ferir-lhe o peito inflamado de amor e de ternura. Incute-lhe o rancor e essa amargura de que teu ser é feito. Faz-lhe sentir desejo e ansiedade de ter o que não tem. De querer sempre mais. De ter ódio... ter raiva... e ter despeito do que as outras possuem e ela não. Faz-lhe sentir a enorme diferença entre a joia que brilha e permanece e o semsabor de um beijo que se apaga... e que logo se esquece!... Segura a sua mão, faze-a roçar a seda com que as outras se mostram adornadas e faz ainda mais, no mesmo instante: que ela aspire o perfume inebriante de essências preparadas. (Pausa e tom) Já sabes o que quero. Vai, então.

Inveja - Que raiva tú lhe tens! Que foi que ela te fez?

Ódio - De ingênua tú te fazes, ou então de uma tóla tens todos os sinais e todos os matizes. Por que a hei de odiar? Pela mesma razão que odeio, nesta vida, a todos os felizes! Quando ouço alguém a rir em gargalhadas, meu desejo é ver logo transformadas em lágrimas cruéis as expansões do riso; se a vida é para eles paraíso, meu desejo tenaz é fazê-la um inferno. Anda, vai. Cumpre à risca, num instante, a missão que te dei que é importante!

Inveja - Está bem, eu irei, pois sempre te obedeco.

Ódio - Ouve, então, o que aqui estabeleço! Ela escuta o murmúrio da cascata e êle jaz, no relvado, adormecido. É chegado o momento de atacar. Embrenha-te na mata

e surge ao lado dela, inesperadamente.

Inveja - Pra que eu possa fazer um trabalho bem feito,



hei de levar comigo o veneno violento  
que é a essência que distila o poder da ambição.  
Não ha de custar tanto abrir-lhe, a força, o peito  
e pingar duas gôtas, no espaço de um momento,  
sôbre o seu descuidado e frágil coração!

Ódio - Pois então anda logo. Não há tempo a perder.  
Que tú sejas feliz e corra tudo bem.

Inveja - Não te cause cuidado o mal que vou fazer.  
Quando a inveja penetra o coração de alguém,  
só o deixa, afinal, no instante de morrer!...

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA, FUNDE COM RUÍDO DE CASCATAS E PÁSSAROS CANTAN-  
DO QUE PERMANECEM EM FUNDO.

Inveja - Anda, vai. Não vacila. Faz tudo o que te disse.

Ambição - Por que não vais tú mesma? Quem manda melhor faz.

Inveja - Meu esforço sem ti foi sempre esforço vão.  
Pra que alguém sinta bem a inveja no seu peito,  
precisa, antes de tudo, abrigar dentro d'ele  
o veneno eficaz que distila a ambição!

Ambição - Pois bem, não se discute. Irei agora, então  
e juro, aqui, fazer um dos meus bons trabalhos.  
Esse sonho de amor que ela abriga em seu peito,  
por minha força, em breve, há de ficar desfeito  
e reduzido, inteiro, a um monte de frangalhos!  
(Afasta-se a garçalhar, até que o riso se perca)

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA, FUNDE COM CASCATAS E PÁSSAROS EM B/C.

Ambição - Que fazes tú aqui, tão calada e tão quieta?

Mulher - Ouço o canto das aves e o murmúrio das águas.

Ambição - São vozes que, ao poente, derramam tantas mágoas...

Mulher - Pois em mim elas soam como acordes divinos  
de harpas a cantar, ou doces violinos,  
a gerar, em surdina, uma canção dilata  
que embala o sonho azul que envolve o meu poeta,  
descuidado e feliz, estendido na grama!

Ambição - É o teu apaixonado? A gente logo vê. (Pausa e tom)  
Ele é bom para ti?

Mulher - Bom é pouco. Excelente!

Ambição - Muito bem. Que te dá? Uma joia? Um presente?  
O brilhante que fulge? A seda que farfalha?

Mulher - Dá carinho e ternura. Não desejo mais nada!

Ambição - Dá-me pena saber-te assim tão conformada  
com o pouco que tens. Tudo isso é mialha,  
diante do que a vida a tantas oferece.

Mulher - Para mim é o bastante. Nada mais ambicioso.

Ambição - Outras jovens corheço a quem a natureza  
não lhes deu, como a ti, tanta graça e beleza  
e usam, no entanto, as sedas mais custosas;



só banham seus cabelos em essências de rosas  
e habitam o esplendor dos mais ricos solares!

Mulher - Nada disso me tenta. Sou feliz como estou.

Ambição - Só fala nesse tom quem nunca experimentou  
as delícias sem par que o conforto oferece;  
quem nunca aspirou mais, quem nunca desejou  
conhecer nada além do amor que se lhe desse.  
Mas não é só de amor que a mocidade gosta.  
Acaso estou mentindo? Responda a mocidade.

Mocidade - Uma vez que me pedem... vou dizer a verdade:  
Já vai bem longe o tempo em que eu, extasiada,  
vivia só de amor, sem exigir mais nada  
do que beijos, abraços e expansões de carinho.  
Hoje a vida mudou e os gestos de ternura,  
sinceros que eles sejam e vindos de alma pura,  
já não falam tão alto ao nosso coração.  
Tudo se transformou e a mocidade, insana,  
já não crê na ilusão do amor... e uma cabana.  
O amor desinteresse é sentimento morto  
e a mocidade crê no amor, mas... com conforto.  
Si acaso não consegue um ao outro juntar,  
não cabe indecisão a qual renunciar.  
Entre o amor que fenece, quando o tédio o consome  
e as joias de alto preço que o tempo não destrói,  
prefere ter nas mãos as gemas de alto custo  
e os anseios de amor no peito sufocar. (Pausa e tom)  
Talvez proceda mal, mas... esta é a verdade.

Ambição - Acabaste de ouvir a voz da mocidade  
e já tens a certeza do que mais te convém.  
Si és tola fica aí ao lado de um poeta  
que nada te dará. Si és viva, põe de parte  
esse amor sem razão por um pobre pateta,  
esquece tudo e vem. (Pausa) Vamos, fala. E então?

Mulher - Eu nem sei que dizer. Estou tão indecisa...  
si a razão quer riqueza o coração precisa  
de um carinho sincero, todo alma e paixão.

Ambição - Mas o carinho cansa e vem, depois, o tédio.  
Si a razão quer riqueza, já não tens mais remédio  
senão esquecer tudo e atender à razão. (Pausa)  
Anda! (Pausa) Vamos, decide. (Pausa)  
Podes falar sem medo.

Mulher - Essa tua insistência me venceu!

Ambição - Ora viva! Pois então, já que o tolo adormeceu,  
deixa-o aí onde está e vem comigo.  
Não sentirás tristeza nem saudade.  
Vamos sair daqui de braços dados:  
a mulher...



Mocidade - A ambição...

Mulher - E a mocidade!...

(afastam-se, as três, a rir/ alegremente)

OPERADOR - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM CASCATAS E PÁSSAROS EM B/G.

Poeta - Onde está ela? Onde? Ao despertar,  
já não mais a encontrei perto de mim;  
mas não creio que me haja abandonado.  
Viu-me aqui a dormir sobre o relvado  
e foi, talvez, banhar-se na cascata.

Experiência- Eu te digo que não. Infelizmente,  
deixou-se convencer, a insensata,  
pela voz tentadora da ambição.

Poeta - Cala-te, bruxa má! Não te acredito!

Experiência- Pois o que disse afirmo e inda o repito:  
ela fugiu de ti e foi-se embora!

Poeta - Não posso crer! Seria iniquidade  
deixar-me na tristeza e no abandono.  
Fugir de mim, por que? Si no meu sono  
inda era com ela que eu sonhava?!

Experiência- Enquanto tú dormias, descuidado,  
a inveja, sorrateira, trabalhava  
com a cumplicidade da ambição.

Poeta - E agora, onde estará?

Experiência- Pode-se lá saber?!...

Poeta - E eu?! Que tristezas na vida inda me aguardam?!  
Que farei, sem os beijos dos seus lábios,  
cujo sabor meus lábios inda guardam?  
Poderei, depois disto, inda viver?!...

Experiência- Pode-se lá saber?

Poeta - (zangado) Por favor! Vê se dizes qualquer coisa  
que traga lenitivo ao meu tormento.

Experiência- Para que? Si as palavras, no momento,  
não teriam nenhuma precisão?

Poeta - (triste e vencido) É isto, sim.  
Preciso confessar que tens razão!  
Esses males de amor não ha o que cure  
é uma existência inteira que se dure,  
duram êles tambem, a nos magoar.  
A lembrança de um bem que foi embora,  
todo o resto da vida a gente guarda!  
Todo o resto da vida a gente chora!...

Experiência- Existe um velho - sábio ou feiticeiro -  
que cura mal de amor.

Poeta - Mas com certeza exige bom dinheiro  
pelo alívio que empresta à nossa dor



e eu sou um poeta, não esqueças isso.  
Qualquer preço que exija ao seu feitiço,  
não poderei pagar.

(T) Mas não posso deixar de buscar um remédio  
para êste mal atroz que me enche o coração.  
Tú tens que me levar ao velho feiticeiro.  
Mais tarde trocarei meus versos por dinheiro  
e tudo que apurar a êle, então, darei.

Experiência- Segundo ouvi dizer, êle não cobra nada  
de quem nada possui para lhe dar.

Si o queres realmente consultar,  
Vem comigo à choupana onde êle mora.

Poeta - Quero, sim. Vamos logo, sem demora,  
antes que o coração desate a soluçar!

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA, FUNDE COM "DANÇA DAS HORAS" QUE FICA EM B/G.

Poeta - Que remédio darás que cure a dôr imensa  
que deixou na minh'alma a tristeza da ausencia  
de um amôr que perdi?

Tempo - Tomarás, a princípio, umas gotas de tédio,  
diluidas, por mim, na taça da descrença.  
E eu passarei por ti!...

Há de doer-te o mal ainda algumas vezes,  
mas depois, transcorridos alguns mezes,  
já um pouco mais fiel à minha crença,  
beberás umas gotas de renúncia  
no copo de cristal da indiferença.

E eu passarei por ti!...

Aí então, já transcorrido um ano,  
te lembrarás do amôr sem sentir dano,  
sem pranto, sem clamor, sem sofrimento!

E eu passarei por ti!...

para dar-te umas gôtas de esperança,  
misturadas ao pó do esquecimento!

Aos olhos d'alma, já semi-cerrados,  
os momentos amargos dêste instante  
estarão quasi todos apagados.

E eu passarei por ti!...

E de tanto passar, uma vez, outra vez,  
uma semana e outra... mais um mez... outro mês...  
acabarás curado, finalmente,

do grande mal que o teu amôr te fez!

Poeta - Começo a crer em ti, mas... - diga-me primeiro -  
o que és tú, afinal? Um sábio ou um feiticeiro?

Tempo - Sou o que tudo traz e tudo leva  
na cadência dos dias e das horas.



Trouxe-te o pranto aos olhos teus enxutos  
e enxugarei as lágrimas que choras.  
Trago o prazer, mas também causei danos,  
Sou aquele que traz os desenganos,  
para um dia levá-los, novamente,  
no transcurso dos meses e dos anos.  
Sou o que trago a velhice aos que são moços,  
o que transforma em moços as crianças,  
o que traz a saúde, o que afasta as lembranças,  
o que acalenta o sonho ambicionado  
e o que mata, no peito, as esperanças!...  
Sou aquele que abre e fecha as chagas  
no coração de toda a humanidade!...  
O que ouve orações e atende pragas...  
o que prende e o que põe em liberdade!...  
Sou o ponto de partida e de chegada  
de todos os caminhos desta vida!...  
Sou a hora futura... sou a hora vivida...  
o cântico do céu... e a fogueira do inferno...  
a esperança que nasce... a ilusão já perdida...  
sou o tempo, o velho tempo - o caminheiro eterno!...

OPERADOR - SOBE A "DANÇA DAS HORAS" POR ALGUNS MOMENTOS E FUNDE COM CORTINA MUSICAL DE GRANDE EFEITO, PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE

OPERADOR - ABERTURA COM MÚSICA DE GRANDE EFEITO, FUNDINDO COM MUSICA TRISTONHA QUE CAI EM B/G E PERMANECE.

Locutor - Acenderam-se as luzes das gambiarras  
e um pesado silêncio envolve tudo!... (Pausa)  
(T) Vai se abrir a cortina de veludo  
para o ato final. Muita atenção!...

CONTRA REGRA - AS TRÊS BATIDAS CLASSICAS DE MOLIÈRE.

Locutor - Ao sinal que escutais, neste momento,  
eis a dançar, na música do vento,  
os fantoches intérpretes da história  
que tem como cenário um coração!...

OPERADOR - SOBE A MÚSICA EM B/G, E VOLTA AO ANTERIOR.

Mocidade - Que tens? Que aconteceu? Tú pareces tristonha,  
quando tens tudo: joias e brocados...  
as essências mais finas e mais raras...  
criados de libré e sedas caras...  
tapetes do Oriente e espelhos de Veneza!...  
Tens o luxo invulgar de uma princesa  
e eu te sinto, no entanto, insatisfeita.  
Que te falta, afinal é que mais queres?



- Mulher - O que desejam todas as mulheres  
de qualquer casta, qualquer côr ou seita:  
um amôr, todo graça e sutileza,  
que derrame ternura nos meus olhos! (Pausa e tom)  
Eu já tive um assim e abandonei-o.
- Mocidade - Queres voltar até onde o deixaste?
- Mulher - Claro que sim. Tú me acompanharás?
- Mocidade - Chega a dar pena a tua ingenuidade!  
Não sabes tú, então, que a mocidade  
depois que passa nunca volta atrás?  
Vai tú, si queres. Não te embargo o passo,  
mas eu prosseguirei no meu caminho  
e não me verás mais, estejas certa.
- Mulher - Não queria deixar-te; amo-te muito,  
mas uma voz estranha em mim desperta (Não interrompe)

OPERADOR - ENTRA EM FUNDO COM O "CANTO DA SAUDADE" DE ALBERTO COSTA, CANTA-  
DO POR VOZ DE MULHER. COMEÇA DISTANTE E VAI APROXIMANDO LENTO.

um desejo exquisito de revê-lo!  
Ele era pobre, sim, mas era belo  
e a sua voz, acariciante e doce,  
me fazia vibrar como si eu fôsse  
a corda de uma harpa ou de uma lira,  
sacudida por dedos magistrais!...  
E a voz estranha, ha pouco tão distante,  
vai cada vez se aproximando mais!... (Não interrompe)

OPERADOR - APROXIMA MAIS A VOZ EM FUNDO

Que canto será esse, tão tristonho,  
que desperta outra vez um velho sonho  
durante tanto tempo adormecido?!... (Pausa)  
De onde virá essa voz suave e calma  
e que, no entanto, me sacode a alma,  
despertando-me angústia e ansiedade?

- Mocidade - Esse canto que tanto te enternece,  
que por vezes é dôr e por vezes é prece...  
vem do teu coração. É o canto da saudade!...

OPERADOR - SOBE POR MOMENTOS O "CANTO DA SAUDADE" E AO SINAL DO DIRETOR  
VOLTA A B/G. PARA CORTAR QUANDO FALA A SAUDADE.

- Saudade - Aqui estou eu, agora, bem pertinho.  
Há muito que te vinha acompanhando  
e, de longe, seguindo e observando  
a tua imensa angústia e o teu temor. (Pausa e tom)  
De que valem, na vida, as joias, as riquezas,  
a corôa de glória... o esplendor das princezas...  
quando já não se tem o bafejo do amôr?!...



Por que não te insurgiste à tentação da hora?  
Em meu lugar, aqui, êle estaria agora  
e não te queimaria o fogo da ansiedade.

Mulher - Quem és tú, afinal? Por que nêle me falas?

Saudade - Sou a causa, talvez, da amargura em que embalas  
o teu sonho de amor. Sou a velha Saudade!...

Mulher - Eras tú que cantavas, quando ha pouco eu ouvia,  
uma canção dolente, nostálgica e sombria  
como o surdo clamor de um'alma em tempestade?

Saudade - Era eu, como não? E essa canção tão fria,  
repassada de angústia e nostalgia,  
é o canto da saudade!

Mulher - Que queres tú de mim?

Saudade - Acompanhar-te, apenas.

Fazer-te recordar horas boas e amenas  
que deram ao teu peito o Amor e a Mocidade.

Mulher - E ela? Onde é que está? Não faz muito que a vi...  
Falou-me, até. Eu sei que estava aqui.

Mocidade - (afastada, projetando) Mas agora afastei-me.  
Vou deixar-te com ela.

Mulher - (projetando) Não! Não! Não me deixes! Não te afastes de mim!  
Eu te peço que voltes! Não te afastes, por Deus!

Saudade - Cala-te, por favor! Por mais alto que a chames,  
ela não ouvirá o som dos brados teus.

Foi sempre assim; eternamente assim:  
quando algum coração desavissado,  
começa a recordar o seu passado,  
dando abrigo ao meu canto, à minha voz,  
a mocidade, surda ao seu anseio,  
vai se afastando e o vai deixando em meio  
de uma tristeza atroz que não termina.

É então que surge, desgrenhada e feia,  
a velhice, prendendo em sua teia,  
outra vida que em breve ela extermina! (Pausa e tom)

Tú sofres por smôr; não é verdade?

Tú sentes, por alguém, uma saudade  
como aquela que ouviste no meu canto.

Mulher - Sim, é verdade. Eu inda o amo tanto,  
que não sei como pude abandoná-lo!

Saudade - E que fazes, então? Põe-te a caminho  
e batendo cantinho por cantinho  
dêste mundo, talvez possas achá-lo.

Mulher - Tens razão. Por incrível que pareça,  
pode ser muito bem que isso aconteça  
e eu volte a desfrutar o seu carinho.

Saudade - Anda, então, porque o tempo não espera.



- Já não tarda findar a primavera  
e o inverno inundar o teu caminho.
- Mulher - Eu vou, sim, animosa e confiante;  
e não me esquecerei, nem um instante,  
do teu conselho carinhoso e amigo.  
Adeus, então.
- Saudade - Adeus? Dizes adeus... por que?
- Mulher - Naturalmente porque vou partir  
em procura do meu amor antigo.
- Saudade - Mas até que tú encontres novamente  
aquele que é teu sonho mais ardente,  
a Saudade andarás sempre contigo!...
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL DANDO A IMPRESSÃO DE PASSAGEM DE TEMPO, FUNDE  
COM A "DANSA DAS HORAS" DA "GIOCONDA" QUE PICA EM B/G.
- Tempo - Boa tarde, meu senhor.
- Poeta - Boa tarde, bom velhinho.  
Faz tempo, já, que venho observando  
que o senhor vem, de longe, sempre andando  
atrás dos passos meus... no meu caminho.  
Levaremos os dois igual destino?
- Tempo - Eu te acompanho assim desde menino,  
como acompanho a toda a humanidade!
- Poeta - ~~Resta~~ Eu lhe juro jamais haver notado.
- Tempo - O coração do poeta é descuidado  
e custa a perceber a realidade.
- Poeta - Para a vida terrena, geralmente,  
o poeta está sempre desatento.  
(T) Mas que queres de mim, tú, finalmente?
- Tempo - Dar-te um presente régio: o esquecimento!
- Poeta - Sejas bemvindo, oh velho curandeiro,  
si, em verdade, fôr esse a tua missão!  
Eu preciso esquecer o amor primeiro  
que me feriu de morte o coração.
- Tempo - Pois é esta, também, a minha sina:  
apagar as lembranças do passado.  
Se subires comigo esta colina,  
encontrarás a paz do outro lado.
- Poeta - A paz, disseste tú?! Sabes bem o que dizes?!  
Sabes lá deste anseio que a minh'alma devora,  
de arrancar do meu peito as profundas raízes  
de um amor infeliz que o meu peito hoje chora?
- Tempo - Sei tudo e te asseguro que mesmo sendo assim,  
o Tempo apagará o mal que te consome.  
Há do lado de lá um irenoso jardim  
onde há só flores raras, cada qual com seu nome:  
a calma... o esquecimento... a luz... a indiferença...



a coragem que aviva a alma quasi morta...  
a resignação... o domínio à descrença...  
a fé que nos anima... e o perdão que conforta!...  
Cultivando essas flôres na terra dadivosa  
de um'alma como a tua, eleita do Senhor,  
tú sentirás no cardo o perfume da rosa  
e na aridez da pedra a beleza da flôr!...

Poeta - Não percamos mais tempo. Caminhemos, então,  
em busca do jardim que ha depois da colina.  
Se o Tempo é só quem traz remédio ao coração,  
que nos leve com êle a sua mão divina!...

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA, DANDO IDEIA DE TEMPO A PASSAR. FUNDE  
COM A "DANSA DAS HORAS" QUE PERMENECE EM B/G.

Experiência- Lá vão êles galgando o tôpo da colina,  
spós uma escarpada forte e perigosa.  
Depois... virá o declive e a sombra vespertina  
será como um prenúncio à noite silenciosa,  
Noite longa, talvez... sem estrelas brilhando...  
sem piscar de faróis... sem lampejos de aurora...  
mas êles seguirão, sempre juntos, andando,  
já esquecidos do mal que ao Poeta espavora.  
Eu permanecerei nas fraldas da colina,  
aguardando o sinal - mesmo que não o veja -  
de ir atrás do Poeta e cumprir minha sina  
de levar-lhe a velhice, onde quer que êle esteja!  
(Projeta) Podes levá-lo, oh Tempo, que é distância,  
por certo,  
há de curar-lhe, em breve, o coração magoado,  
mas por longe que o leves, num dia, que está perto,  
êle, embora lutando, há de ter-me ao seu lado.  
Eu sei que lutará. Eu sei, mas é tolice,  
pois ninguém, até hoje, se livrou de velhice!...

OPERADOR - SEPARAÇÃO MUSICAL.

CONTRA REGRA - PASSOS VAGAROSOS DE DUAS PESSOAS SOBRE FOLHAS SECAS  
ACOMPANHAM TODO O DIÁLOGO QUE SEGUE.

Saudade - Tú pareces cansada...  
Mulher - E de fato o estou.  
Saudade - Por que, então, não descansas? Esta sombra convida.  
Mulher - Eu não quero parar sem que tenha encontrado  
aquele que foi sempre o amor de minha vida!  
Saudade - Talvez já vá bem longe e tenhamos, ainda,  
que trilhar várias léguas no amargor desta ância.  
Mulher - É possível que não. Si não estou enganada,  
há um vulto, muito além, perdido na distância!  
Saudade - Um vulto, dizes tú? Não chego a divisá-lo.



- Mulher - Lá em cima da colina. Corramos a encontrá-lo!
- OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.
- Saudade - Bem que tinhas razão. Há um vulto, realmente, na atitude de espera, recostado a um cipreste, mas agora, já perto, posso ver claramente que êle não corresponde à ilusão que tiveste. Pensavas encontrar, aqui, o teu amado, a quem teu coração com desespero quer, mas o vulto que vejo e está ali recostado, já posso distinguir: é um vulto de mulher.
- Experiência - (afastada) Vamos... por que não chegam? Parecem indecisas...  
Sou de paz, podem vir; não as maltratarei.
- Mulher - Essa voz... Oh, meu Deus!... Lembranças imprecisas eu guardo dessa voz. Onde foi que a escutei? (Pausa) Ah, sei. Lembrei-me, agora. É a experiência, a que só chega a nós quando a existência está quasi a findar e já não tem encanto!
- Experiência - (Afastada) A mocidade não deixou que ouvisses com devida atenção o que eu dizia e tú acreditaste no seu canto.  
Reporta-te ao passado e lembra o dia em que te adverti da ingratidão do mundo. Aqui estão as palavras que eu te disse:  
"Eu te peço, não faças a tolice de obedecer em tudo à mocidade; ela às vezes se engana e vê felicidade na quimera fugaz que só vive um segundo!..."
- Mulher - Cala-te, por favôr! De nada vale, agora, lembrar as faltas que não têm remédio. Basta a dôr... basta a angústia... basta o tédio e o que me faz sofrer a sua ausência.
- Experiência - Tudo por que? Por tua culpa, apenas. Por não teres ouvido a voz da Experiência. (Pausa) Agora vens a mim...
- Mulher - A ti? Quem foi que disse?!  
Eu sei bem quem tú és. És a velhice e eu vou fugir de ti.
- Experiência - Pouco adiantarás.
- Mulher - Correrei tanto que, por mais que queiras, não terás forças para me alcançar.
- Experiência - Por depressa que fujas, mais veloz eu serei; e onde quer que te escondas, ali te buscarei e por isso te aviso que em vão te ocultarás. É que eu ando com a vida, ao compasso do tempo e a vida - como o Tempo - não volta para trás!...



- Mulher - Também não voltarei, quero andar sempre avante na esperança de um dia repetir o instante feliz de ter comigo o amor do meu poeta.
- Experiência - É tolice buscá-lo; não mais o alcançarás!
- Mulher - Cala-te, velha bruxa! Por que há de ser tão má?
- Experiência - Talvez eu seja rude... má não sou, podes crer. Si te afirmo que é vão o esforço de encontrá-lo, é porque o vi passar... e sei quem o levou.
- Mulher - Pois então vais dizer-me o. Eu exijo que o faças.
- Experiência - Si não crês no que eu digo e si a tudo rechaças com desdém... ironia... com ofensa e rancor... de que vale dizer-te? O melhor é calar.
- Mulher - Creio, sim. Eu te juro. Onde está o meu amor? Preciso saber d'ele sem demora. Tú vais dizer; não vais?
- Experiência - Vais sofrer muito, minha pobre amiga!... E as palavras que queres que eu te diga vão ferir-te, talvez, como punhais, mas já não posso mais calar-me agora: teu amor, com o Tempo, foi-se embora e o Tempo que passou... não volta mais!...
- Mulher - (Desata a chorar forte e sentidamente, passando a soluçar em segundo plano durante toda a fala do locutor.)
- Locutor - (depois de pausa longa)  
Já não se ouve mais um instrumento e apagam-se as luzes da ilusão, só ficando a amargura e o desalento no cenário do triste coração!...
- OPERADOR -> SOBE MUSICA GRANDIOSA QUE FUNDE COM A CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO DO TERCEIRO E ULTIMO ATO.

F I M .